

# Avança Brasil ! Em qual sentido ?

O governo pronuncia o que o povo quer ouvir, mas não explica como vai chegar aos resultados. Pode acabar em retórica ou em maior custo Brasil.

Milhares de autoridades e aspones se enfileiraram aos governantes do País no anúncio do Plano Plurianual que prevê investimentos de 165 bilhões de reais em 4 anos. O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a defender a retomada do desenvolvimento compatível com uma política social. As intenções foram claras e muito bem recebidas. Faltou dizer como chegaremos a esse resultado tão sonhado. No ano que vem, o governo pretende investir 33 bilhões em projetos sociais, 8 bilhões a mais do que será destinado para esta finalidade até o final de 1.999. Mas, só a conta dos juros da dívida vão bater em 60 bilhões. A conta, como sempre, será paga pelos contribuintes. Quem ganha mais de 1.500 reais vai continuar pagando imposto de renda, com alíquota de 27,5%. A contribuição sobre o lucro das pessoas jurídicas continua elevada dos 8 para 12%. Resumindo: no Brasil, novos investimentos se traduzem com aumento da carga tributária, mesmo que a iniciativa privada arrisque jogar parte de suas reservas em novos projetos.

Reforma Tributária não sai do estágio embrionário - Fernando Henrique Cardoso não conseguiu fazer todas as reformas que pretendia. Mas, em pelo menos um dos segmentos, não moveu uma palha sequer. O Sistema Tributário Nacional não muda por falta de estímulo e debate. No primeiro mandato, FHC conseguiu elevar a carga tributária em quase 50%, pulverizando o aumento das alíquotas em quase 60 taxas, contribuições e impostos. O relator da Comissão Especial da Reforma Tributária, deputado Mussa Demes (PFL-PI) já está assumindo um pragmatismo perigoso. Quando presidente da comissão, Mussa Demes defendia a reforma desejada com unhas e dentes. Agora, parece admitir mudanças simples e su-

perficiais, como a pura expansão do ICMS, sem exigir a introdução do IVV - Imposto sobre Valor Agregado - que é uma fórmula aprovada nas principais economias mundiais.

O presidente da comissão, deputado Germano Rigotto (PMDB-RS), também abandonou o discurso firme, que fazia germinar a esperança de que a reforma tributária aconteceria nos próximos meses, tornando as empresas brasileiras mais competitivas, com poder de novos investimentos, gerando novos empregos e propulsionando a produção nacional.

FGV admite instabilidade e desiste de projetar inflação - A Fundação Getúlio Vargas fez um alerta muito preocupante. Desistiu de fazer projeções da inflação de 1.999. Se os economistas da FGV não encontram subsídios suficientes para fazer análises futuras seguras, porque os ministérios da Fazenda e de Gestão e Orçamento teriam tais indicadores. A Fundação trabalhava com a hipótese de fechar o ano com uma inflação em torno de 14%. Mais otimista, o ministro da Fazenda Pedro Malan foi enfático ao afirmar que em 1.999, o índice inflacionário chegará a 8%.

Jogo de cena marca prorrogação do acordo automotivo - Conforme essa coluna informou há duas semanas, o acordo do setor automotivo, que reduziu o IPI sobre carros populares e de médio porte, foi prorrogado. A oficialização da prorrogação demorou a sair para que governo, montadoras e sindicatos fizessem o jogo de cena, onde as reivindicações são lançadas com rigor e as concessões forçam o recuo ao ponto de partida. O governo não pode elevar o imposto e promover o aumento do preço dos carros novos. As montadoras não podem pedir mais descontos tributários e os trabalhadores têm que se conformar com a estabilidade temporária. O acordo engessou as partes envolvidas, que têm consciência de que, na atual conjuntura, todos operam no limite.

Hoje é dia de redução dos juros - O mercado volta a viver clima de expectativa em torno da reunião de hoje do Comitê de Política Monetária. O Copom deverá atender a determinação do presidente Fernando Henrique, a taxa Selic deve cair dos atuais 19,5%. O que vai ser difícil cumprir é a ordem do Palácio do Planalto para que a redução oficial dos juros seja perceptível aos consumidores. Desde o início do ano, a taxa oscilou - para baixo - de 49% para 19,5%. Mas, na ponta, os juros chegam a bater nos 300% ao ano. Entrar em financiamento e crediário é quase um suicídio econômico. Alguns analistas entendem que a classe média endividada chega a pagar 1.000 reais de juros ao mês.

Auditoria: o melhor investimento do momento - O empresário brasileiro precisa passar por uma reciclagem cultural. Quando a diretoria de uma empresa ouve falar em auditoria, já faz associação com fiscalização, devassa e suspeitas. O auditor deve ser visto como um aliado imprescindível das empresas modernas.

Além de manter a contabilidade atualizada, esse profissional se torna um competente consultor. Esse perfil é inerente às atividades das auditorias, que necessitam da constante informação da legislação e do mercado, para tomar decisões e realizar bons trabalhos. Qualquer irregularidade que for detectada, seja involuntária ou não, será apenas levada ao conhecimento dos diretores da empresa contratante e não denunciada. Caberá aos próprios contratantes definir qual a providência a ser tomada.

Portanto, fazer parcerias com auditores é investir na segurança dos negócios e na visão de amplitude de profissionais que vivem da análise e da permanente atualização na legislação tributária e contábil.

VALDIR CAMPOS COSTA  
e-mail: Conape@conape.com.br  
CONAPE